



QUALIDADE DO LUGAR E CULTURA CONTEMPORÂNEA: CONTROVÉRSIAS E RESSONÂNCIAS EM COLETIVOS URBANOS

De Paulo Afonso Rheingantz e Rosa Pedro.

Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012

RESENHA | MARCIA OLIVEIRA MORAES

Como se as coisas só tivessem ouvidos e não boca ou pensamento. Como se as coisas fossem *instituições de receber* e nada oferecessem. Como se fossem orifícios onde se alojam as nossas ideias, as nossas formas (Tavares, 2010, p.54).

“Qualidade do lugar e cultura contemporânea: controvérsias e ressonâncias em coletivos urbanos” é o título do livro organizado por Paulo Afonso Rheingantz e Rosa Pedro. O volume é fruto da longa parceria entre os pesquisadores, sendo ele da área da Arquitetura e ela, da Psicologia. Entre a Psicologia e a Arquitetura, a publicação reúne outros tantos pesquisadores, das mais diversas áreas. Se lançarmos um rápido olhar pela seção “Sobre os autores”, logo veremos as áreas de formação dos investigadores: Comunicação, Sociologia, Engenharia de Produção, Psicossociologia, Psicologia, Arquitetura, História, Engenharia de Sistemas, entre outras. Se o leitor for movido por algum especial apego às fronteiras entre as disciplinas, por certo, logo de saída, irá se perguntar: mas como é que se reúnem todas estas áreas? Se é que se reúnem?

O campo “entre” os diferentes saberes não é formado por um terreno liso, sem atritos. Trata-se, ao contrário, de um território “dentado”, cheio de pontas, de ruídos, de conflitos, controverso e polissêmico. E os autores que se reúnem neste livro não se furtam de habitar este território, ou, mais precisamente, correm o risco de se aventurarem por este espaço intersticial. Há que se dizer que o livro põe em cena não uma perspectiva interdisciplinar, que visaria, em última instância, a uma integração entre os saberes. Antes, o que está em jogo é justamente o terreno da diferença. A diferença como força motriz do pensamento, que faz mover as fronteiras, que produz pontos de contato, aqui e ali — onde for possível, viável, necessário. É esta uma das empreitadas que esses pesquisadores enfrentam. Mas para quê? Em nome do quê tais autores se colocam diante

de tarefa tão arriscada? Por que sair da zona de conforto das disciplinas para habitar o terreno, por vezes, movediço, do “entre” disciplinas ou do “trans” disciplinas? Justamente porque é no “fora” das zonas de conforto das disciplinas que esses autores encontram ferramentas teórico-práticas para problematizar os coletivos urbanos, ou, mais precisamente, para submetê-los aos mais intensos e ousados testes de força, para fazê-los variar, derivar, diferir até os limites mais extremos.

O livro constitui, desse modo, ele próprio um laboratório (Latour, 2001) onde os coletivos urbanos são testados e colocados à prova: redes de vigilância, corpos, subjetividades, espaços, lugares, ambientes, narrativas, ordem, desordem, segurança pública, modos de andar e errar pelas urbes, fatos, artefatos, o real, o virtual, a Scotland Yard. São esses elementos — e mais outros —, que tecem os coletivos urbanos, dia após dia, em nossos cotidianos. O termo coletivo “Se refere às associações entre humanos e não humanos” (Latour, 2001, p.346). Seguir tais associações, traçar e mapear seus efeitos, tomar a cidade como efeito de tais conexões: eis algumas das ambições que movem os trabalhos que se reúnem nesta obra. Assim, os coletivos urbanos são tomados como atores-redes, isto é, emaranhados de actantes¹, nos quais os nós são, eles também, redes.

Para dizer em poucas palavras, curtas e breves, neste livro são apresentadas pesquisas com coletivos urbanos. Umavez enunciada esta frase, no entanto, imediatamente somos convocados a dizer um pouco mais. É como se ouvíssemos o leitor nos perguntar: sim, são pesquisas, e daí? E daí que dizer que são pesquisas é dizer muito! Porque não estamos falando da apresentação de fatos consolidados, prontos, estabilizados. O que se faz presente nesta publicação é a pesquisa em sua dimensão mais quente, isto é, como experimentação em todos os sentidos, tateamentos, hesitações, conexões parciais, pontos de indecisão entre o que virá a ser realidade e o que virá a ser ficção. O convite que nos fazem os autores deste livro é justamente este: de habitarmos juntos esses pontos nos quais as controvérsias grassam, nos quais as cidades e os lugares poderiam ser outros.

NOTA

1. Um actante é definido por Latour (2001) com base naquilo que ele faz, nos seus efeitos. Um actante é tudo aquilo que age e produz efeitos no mundo.

REFERÊNCIAS

- LATOUR, B. *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru: Edusc, 2001.
- TAVARES, G. *Breves notas sobre as ligações*. Florianópolis: Editora da Casa, 2010.

Recebido em
18/12/2012 e
aprovado no
dia 8/5/2013.

MARCIA OLIVEIRA MORAES | Universidade Federal Fluminense | Programa de Pós-Graduação em Psicologia | Campus do Gragoatá, R. Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, Bloco O, Sala 214, 24210-201, São Domingos, Niterói, RJ, Brasil | E-mail: <marciamoraes@id.uff.br>.